TL 2830

A palavra dos pequenos

TURMA 8º 2ª DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA LEVADA - FUNCHAL

Comunicar já todos devem saber e sentir que é um acto sensacional.

Exteriorizar as ideias, dar a sua opinião quando esta é solicitada, é uma formidável. Escrever, publicar um jornal é um acto de bem comum, dando oportunidade a que seja conhecido o mundo de hoje e adquirir cultura aprender a criticar, a tomar posições.

Fazer um jornal na escola é difícil mas encorajante. Sentir-se útil é satisfatório e absorvente. Ter na mente ajudar os outros é bonito. Dar a conhecer factos e decisões é cultura. Não há adjectivos que qualifiquem o prazer de construir um jornal.

Em todas as escolas devia haver um jornal pelos factos acima referidos.

Os alunos da turma 8º 2ª resolveram fazer um jornal, contando com o apoio do Conselho Directivo e do professor de Português.

Isto é; resolveram tomar a palavra. Por isso lhe pusémos o nome de "A PALAVRA DOS PEQUENOS".

A tinta acabará de correr no fim do ano lectivo, mas a "Palavra dos Pequenos" ficará na memória de todos, e noutro ano lectivo as dificuldades terão de ser transbordadas no seu princípio.

Participar, saber, pôr em contacto, ligar unir, transmitir, é o que faremos num jornal.

SERGIO ABREU

Sumário

Inquérito - pág. 3
Evolução - um mal necessário? - pág. 5
Onde está a Natureza? - pág. 7
Fogo a Palavra - pág. 6
Desporto - pág. 9
Música - pág. 10
Passatempos - pág. 11
Suplemento: Timor-Leste: O que foi O que é

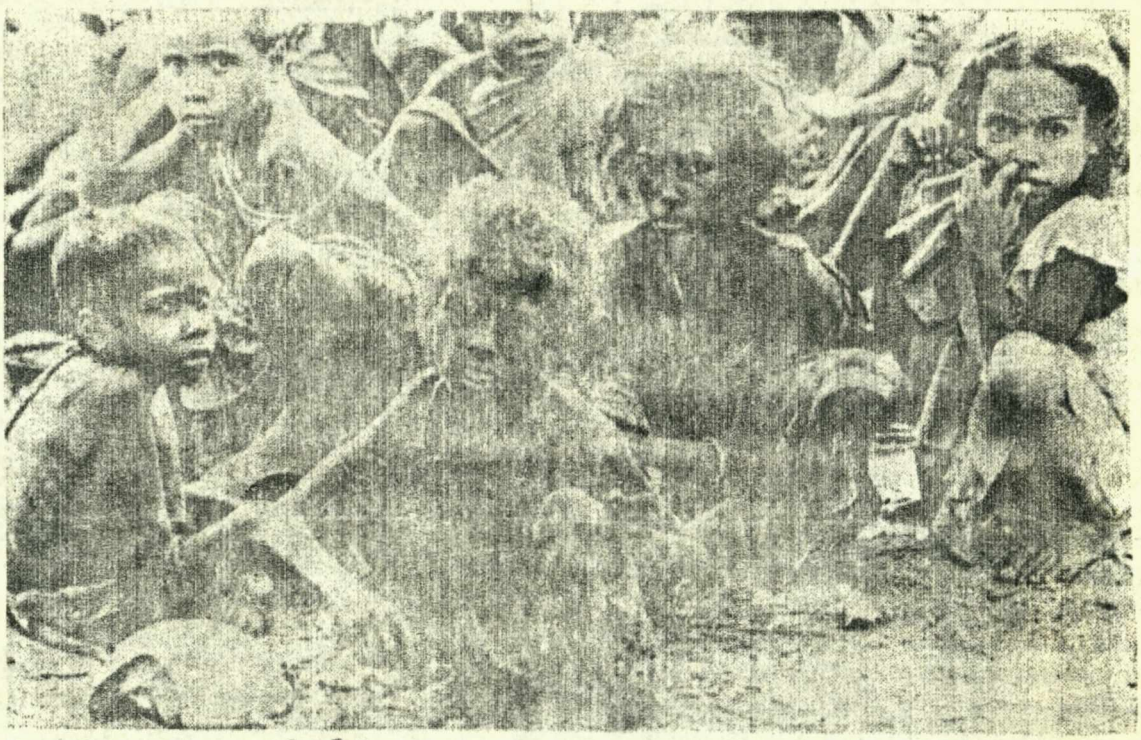
A "PALAVRA DOS PEQUENOS" LEMBRA OS PEQUENOS DE TIMOR-LESTE

Decidimos enviar a receita desta edição às crianças de Timor-Leste. Não deverá ser muito, mas o gesto é tudo e acreditamos na generosidade dos leitores.

As cricanças de Timor-Leste vivem num estado lastimoso de fome, guerra, enfim, um quadro que nos destrói o coração. Vê-las sofrer... não podemos continuar parados.

É preciso que o futuro seja diferente com condições de vida, amor, fraternidade, igualdade, justiça.

Pedimos o apoio e compreensão de todos aqueles que tenham cabeça e coração para ajudar os nossos irmãos timorenses que choram de dor e estão esquecidos... A "Palavra dos Pequenos" não os esquecerá!



NOTÍCIAS ESCOLARES

FIM DO ANO ESCOLAR

A Secretaria Regional de Educação em 18 de Abril de 1983 determinou que nalgumas escolas da RAM o encerramento das actividades escolares será no dia 30 de Junho. Está de acordo com a publicação do Diário da República em 23 de Setembro de 1982.

AVALIAÇÃO FINAL

"Em cada ano lectivo, o aproveitamento final de cada disciplina é expresso pelo nível ou classificação atribuidos no último periodo, no entendimento de que exprimem a apreciação global ao longo do ano (I.2).

Para o 9º ano a realização de um teste escrito, a nível de turma, ababará a globalidade do programa de cada disciplina e terá lugar no 3º periodo. Este teste para efeito de avaliação dos alunos conta apenas como um elemento mais de informação(I2) (Diário da República, despacho nº 23/ME/83).

TIMOR
• que foi
• que é

A ilha de Timor esta dividida em duas partes, pertencendo uma (Leste) a Portugal

"Era uma vez um povo de marinheiros, de heróis, o povo português, o nosso povo, que já lá vão muitos anos-mais de quatrocentos-quis descobrir o caminho marítimo para a India".

Com a chegada dos portugueses à India estes em tais terras expandiram-se descobrindo e conquistando terras e mares. A conquista de Malaca em 1511, abriria aos portugueses o dominio dos mares da Insulindia e do comércio das drogas e especiarias que se produziam nas diversas ilhas. A ilha de Timor atraiu-os.

As primeiras expedições comerciais à Insulindia Oriental datam de 1512; mas dirigiram-se às Molucas e não devem ter passado pela ilha timorense. A chegada dos portugueses à maior e mais oriental das pequenas ilhas de Sonda deve ter-se dado em 1514. A partir dessa data visitaram regularmente a ilha navios da pequena nação da Peninsula Ibérica, que traziam de Malaca panos de algodão e objectos metálicos, como facas, espadas e machados, levando em troca sândulo, mel e cera. O enraizamento da presença de navios portugueses na referida ilha não se deve, porém, aos comerciantes mas aos missionários. O primeiro de que há noticia certa foi o franciscano Fr. António Taveira, que em 1566 converteu numerosos nativos.

Antes da chegada dos portugueses, os timorenses eram animistas, sem traços de influências hindus nem muçulmanas; não há templos nem idolos, o culto consistia em sacrificios designados por estilos, terminaram, em regra, por um banquete ritual em que è consumida a carne das vitimas, que nos grandes estilos são píplos e porcos.

A entrada em cena dos holandeses provoca o reforço e desenvolvimento da capitania timorense, os ataques daqueles (hol.) à Solar (desde 1613) levam a sua transferência para Harantuca. Entretanto, em Timor a acção dos Dominicanos convertia ao cristianismo diversos régulos que se iam colocando sob a suserania do rei português-entrando assim lentamente, a ilha na esfera da influência Lusiada e na dependencia dos capitães-mor privativos. Cada reino passou a pagar uma finita ou tributo à Coroa-que, temporáriamente substitua por uma capitação. Até ao fim do séc. XIX prevaleceu esta modalidade de impostos. A Histfia de Timor durante a primeira metade do séc. XVIII è extremamente agitada por guerras e revoltas. A pressão dos holandeses sobre Lifau levou o governador A. J. Teles de Mascarenhas a transferir a capitania para a provincia dos Belas, que permanecia fiel (1769). O lugar escolhido por Dili, que apesar de insalubre dispunha de um óptimo porto. A vida continuou a ser agitada pela actual instabilidade, em parte fomentada pelos holandeses que se prolongaram até 1912. A decadência do comércio do sândulo levou a procurar na agricultura, a necessária base para a vida económica do território.

A cultura do café, algodão, cana sacarina è introduzida na ilha.

A ilha de Timor tem uma superficie total de 18.899 Km quadrados dos quais 17.900 Km quadrados correspondem à parte principal; 850 Km quadrados ao enclave de Dé-Cusse; 144 Km quadrados à ilha de Ataúro; 15 Km quadrados ao ilhéu de Jaco.

→ 1

TIMOR
o que foi o que é

(cont pag 1)

A citada ilha não è de origem vulcânica sendo formada por rochas sedimentares como o calcario, margas grés, etc..

O clima timorense integra-se no tipo de climas quentes (média anual da temp. superior a 20 graus centigrados) de tipo equatorial.

Quanto ao aspecto hidrógrafico, à semelhança do que acontece em todas as ilhas de pequena superficie e relevo rigoroso, os cursos de àgua (ribeiras) formam torrentes na e tação das chuvas e desaparecem quase todas na época seca. A ribeira mais extensa, com 80 Km è do lado Norte e tem curso permanente.

O comércio externo do território è caracterizado pela forte dependência do sector primário e a fraca projecção das exportações expressa numa balança comercial tradicionalmente deficitária. A taxa de cobertura das importações pelas exportações cifrava-se em 1971, em 62,8% (130.517 de valor total das expgrtações contra 207.681 de importações)

Além dos produtos de exportaçoes atrás indicados, cultivam-se ainda, no território, para consumo interno, milho, arroz, feijão, batata-doce, amendoim, trigo, cevada, ervilha e fava. Estes produtos satisfazem as necessidades locais (quando há explorador...).

As industrias de Timor têm reduzidas dimensões e baixo nivel tecnológico. Dentre as existentes, salientam-se a manufactura de tabaco, o fabrico de sabão e òleo de côco, o descasque do café, serração de madeiras, destilação de àlcool, panificação, tijolos e telhas.

A enrgia eléctrica è obtida atrvés de centrais térmicas, com excepção de Bancau, que além de central térmica, dispõe de um pequeno aproveitamento hidroeléctrico. A titulo de curiosidade diga-se que o consumo de energia em 1972, cifrou-se em 4147000 KWh, dos quais 2635410 correspondem a Dili (mais de metade).

Segundo o censo de 1970, a população do território totalizava 609477 pessoas, representando uma densidade de 32,2 h./Km quadrado.

Referindo-nos ao género de vida, digamos que a célula familiar è do tipo patriarcal. Em certas regiões, os jovens casais só deixam a casa paterna quando o marido acabou de pagar o "barlaque" (espécie de dote ao pai da noiva). As habitações tradicionais são geralmente feitas de palha, de bambu, folhas de palmeira, etc..

Penso que foi dada uma imagem clara sobre Timor, a sua histria e economia, hidrografia, geomorfologia, demografia, comércio, agricultura, indústria e muitos outros aspectos aqui focados.

→

TIMOR

o que foi
o que é

(cont da pág. 2)

A 25 de Abril de 1974, um movimento militar derruba a ditadura portuguesa (já todos deviam o d senrolar dos acnntecimentos no dia dos cravos vermelhos). A 27 de Julho de 1974, o Presidente da República reconhece formalmente o direito à auto-determinação e à independência dos povos das colónias entre as quais encontrava-se Timor Leste. Como dizia o poeta (neste caso Luis de Camões) "E a ilha de Timor, rica de sândulo perfumado, tão benéfico para a saúde", Saúde!

Depois vêm as eleiçoes timorenses que desta feita apresentava no seu boletim eleitoral 3 opçoes: a OPODETI que dependia a integração na Indonésia; a UDT uma outra corrente dominada por notáveis ligados ao colonianismo e quetinha uma posição de dependência face a Portugal, era seguida a independência a prazo e por fim a integração na Indonésia; a ASDT depois a talkpopular FRETILIN. Face a estas correntes politicas, Portugal escolheu o caminho da negociação com vista à transferência do poder para os timorenses. Contudo várias circunstâncias impedem a concretização deste plano de descolonização. Por um lado a complexidade dos problemas vividos na metrópole que então se colocavam aos dirigentes portugueses e por outro de meios de intervençao, não permitem que Portugal praticasse uma politica corrente e firme com a assegurar ao povo timorense um exercicio efectivo do direito à auto-determinação. Além disso os acontecimentos em Timor-Leste sofreram uma viragem decisiva: a 11 de Agosto de 1975, com o apoio de alguns oficiais portugueses e da policia local, tem lugar um golpe de estado liderado pela UDT, a que se aliara, entre Janeiro e Março de 1975, à FRETILIN. A coligação è rompida depois unilateralmente pela UDT na sequência de prisões de Jakasta. Este golpe de força das correntes conservadoras desencadeou uma reacçao da FRETIUIN, apoiada pela maioria do povo e com adesão das unidades militares do exército local. Rebenta um conflito armado, provocando perto de 3000 mortos.

A bandeira portuguesa continuava a flutuar no palácio do governador: a FRETILIN continuava a reconhecer a administração portuguesas, por várias (razões) vezes propôs a Lisboa negociaçoes, que apesar das promessas feitas, não se realizaram. O poder Real passou para a FRETILIN que administra o território, procedendo a reformas sociais. Numerosos visitantes estrangeiros testemunham a realidade do concenso popular em torno da FRETILIN. A paz è apenas perturbada pelos incidentes fronteiriços provocado pelo exército indonésio e por alguns refugiados a partir de Timor Ocidental. Tais incidentes agravaram-se cada vez mais, incluindo ataques de artilharia pesada contra as cidades de Maliana e Balibó. A Indonésia anuncia intervenção militar contra o território de Timor-Leste, de acordo com um plano estabelecido havia vários meses. A FRETILIN tomou a decisão de proclamar uniteralmente a independência pela ausência de governo, quer colonial quer militar, è assim que, a 28 de Novembro de 1975 è proclamada a República democrática de Timor-Leste. A República

→

TIMOR

o que foi
o que é

(cont. da pag.)

democrática de Timor-Leste foi imediatamente reconhecida por 12 Estados, nomeadamente as antigas colónias portuguesas.

Portugal não reconheceu o novo Estado. As Forças Armadas indonésias invadem a República democrática de Timor-Leste a 7 de Dezembro. Nesse mesmo dia, Portugal rompe as relações diplomáticas com a Indonésia, qualificando tal intervenção de "acto de agressão". As tropas indonésias têm de fazer face a uma resistência imprevista. A agressão indonésia revela-se extremamente mortífera. Segundo testemunhas independentes e fidedignas, viria a acarretar a morte de cerca de 200.000 pessoas.

Assim foi rectivicada uma agressão que a Assembleia Geral e o Conselho de Segurança das Nações Unidas tinham já condenado enérgicamente nas suas soluções. Apesar das tentativas sistemáticas dos indonésios para silenciarem o que se passou em Timor-Leste (convém a este respeito citar, por um lado, o assassinio de 5 jornalistas australianos em Outubro de 1975 e, por outro lado, o pacto do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) ter sido afastado da ilha até Verão de 1979, e desde então a sua actividade ter sido muito limitada, não incluindo nomeadamente o contexto das regras do direito de guerra) testemunhas convergentes referiram-se a atrocidades desde o inicio dos combates, os quais prosseguiram em relação tanto aos combates como à população civil.

Assim, quando do desembarque em Dili, na manhã de 7 de Dezembro, as tropas indonésias dispararam indistintamente sobre civis que, contudo, não opunham qaalquer resistência.

Às nove horas do dia seguinte, mais de 27 pessoas, na maioria mulheres, foram fuziladas no Porto de Dili, na presença de uma numerosa multidão que foi forçada a contar as vitimas. Às 2 horas da tarde, 59 homens foram fuzilados no mesmo lugar. Na mesma altura, 30 chineses foram fuzilados perto do antigo quartel da policia militar em Dili. Segundo diversas testemunhas foram então mortos numerosos chineses. A 17 de Agosto de 1977 várias pessoas foram fuziladas por não terem querido participar numa manifestação, por ocasião da festa nacional da Indonésia.

É um facto assente que as tropas indonésias não cessaram, depois da invasão, de espalhar um clima de terror, insegurança, fome e miséria, ao proceder a execuções sumárias e prisões arbitrárias. Torturas, bombardeamentos, prisões, execuções, foi o que os indonésios fizeram ao povo timorense. Este panorama vivido em Timor (200:000 vitimas foi o que teve conhecimento o diplomata australiano Jonh Durn).

Para dar uma melhor visão é de salientar que os delegados do CICV não puderam visitar as regiões mais atingidas militarmente. Depois de protestos contra os Direitos do Homem, depois de discursos, e de votações na ONU a situação em Timor ainda se mantém. Até quando?

Timor envergonha-nos e continuará a envergonhar-nos enquanto se mantiver esta situação.

SÉRGIO Abreu